

HISTÓRIAS DE HOMERO: UM BALANÇO DAS PROPOSTAS DE DATAÇÃO DOS POEMAS HOMÉRICOS

HOMER'S HISTORIES: A BALANCE OF THE DATING PROPOSALS OF HOMERIC POEMS

Gustavo OLIVEIRA*

Resumo: A datação dos poemas homéricos é um assunto polêmico e repleto de dificuldades. Mesmo diante de tal cenário, sua utilização como fonte histórica tem ocorrido, em geral sem maiores considerações acerca da dificuldade de resolver problemas centrais para a maneira de como os poemas são contextualizados. O presente estudo tem como objetivo fazer um levantamento das possibilidades de abordagens históricas destes poemas, apontando as particularidades, os pressupostos e problemas relacionados a cada uma. Por fim é apresentada uma sugestão alternativa de abordagem, que toma como ponto de partida a datação da tradição da qual os poemas fazem parte, encarando-os como testemunhos válidos desta tradição de longa duração oral.

Palavras-chave: Sociedade Homérica – Épica Grega – Tradição Oral.

Abstract: Dating the Homeric poems is a polemic subject, filled with difficulties. Even so, the poems have been used as historical sources, generally without any significant remarks about the difficulty in solving main problems in how the poems are put into context. The focus of this paper is to trace the possibilities of historical approaches which use the Homeric poems as sources and pointing out the particularities, the assumption and the problems presented in each type of approach. At last, it is suggested an alternative approach which has, as the starting point, the dating of the tradition to which the poems belong, considering them valid testimonies of such a long-lasting oral tradition.

Keywords: Homeric Society – Greek Epic – Oral Tradition.

Problemas de datação

Os poemas homéricos são manifestações culturais de alcance e relevância excepcionais ainda nos dias de hoje. Sua importância e influência, seja no campo estético seja no campo histórico, podem ainda ser sentidas em nosso mundo. Há mais de dois milênios muito esforço intelectual tem sido dedicado a esses e outros campos de estudo relacionados à *Ilíada* e à *Odisseia*.

O presente estudo tem como objetivo concentrar-se prioritariamente no campo da relevância dos poemas homéricos na área da História. Já na antiguidade, os poemas eram utilizados para compreender tempos passados. A veracidade histórica, tanto da

* Doutorando em História – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade de São Paulo – USP, CEP: 05508-900, Cidade Universitária São Paulo, SP – Brasil. Bolsista FAPESP. E-mail: gustavojdo@gmail.com

Ilíada quanto da Odisseia e dos eventos relacionados a elas, não eram, então, colocados em questão¹. Os mais variados autores consideravam tais poemas como um retrato mais ou menos fiel do passado heroico da Grécia.

Com o passar dos milênios, esse interesse não acabou. Tomou, contudo, formas que se manifestam de maneiras diferentes². Para os historiadores modernos, os poemas podem ser lidos como fontes para entender o passado, relacionando-os a momentos específicos. Para isso, partem de pressupostos diferentes, para analisar qualquer que seja o contexto desejado, usando os poemas como fontes de tais contextos.

Tais abordagens históricas são fundadas, normalmente, em uma série de pressupostos que não são fáceis de comprovar. Elas partem da ideia de que a sociedade coerente mostrada nos poemas pode ser relacionada a um contexto histórico preciso e uniforme que os produziu. A variedade de períodos estudados que têm como base a leitura dos poemas ilustra de maneira interessante o problema: são datados em vários séculos.

Tal situação demonstra de maneira eficiente que a questão não está de maneira nenhuma resolvida e com a escassez de dados que sedimentem tal comprovação, talvez nunca seja resolvida. Todavia, tais dificuldades não afastaram os estudiosos de se aventurarem na discussão do problema. Em 1850, William Mure afirmou sobre a questão da origem dos poemas e do poeta, a chamada Questão Homérica³, que nos mais de 2500 anos de pesquisas e discussões acerca dos poemas Homéricos, sobre nenhum outro assunto foram propostas tantas teorias estranhas e conflitantes, tantos comentários e tantas controvérsias. Em nenhum outro assunto a pesquisa especulativa foi tão explorada. A despeito de tudo isso, poucos resultados positivos foram alcançados (MURE, 1850, v. 1, p. 180-181). Desde o tempo de Mure as pesquisas se multiplicaram enormemente em quantidade (THOMAS, 1970, p. 1), diante de alguns avanços importantes⁴.

A verdade, contudo, é que ainda não sabemos nada sobre as origens dos poemas: não temos dados concretos sobre a sua data, autoria, local, e maneira de composição. Este é um campo absolutamente aberto para especulações mais ou menos embasadas por informações retiradas dos próprios poemas ou de fontes de proveniências diversas.

Tais dificuldades, contudo, nem sempre aparecem de maneira evidente nos estudos históricos dos poemas homéricos⁵. E mesmo quando aparecem, os resultados apresentados são baseados em pressupostos que não foram, e dificilmente serão, comprovados ou negados, o que torna a pesquisa na área uma tarefa árdua.

A verdade é que a maior parte das pesquisas utiliza argumentos circulares. Baseiam-se fundamentalmente nos poemas para estabelecer qual foi o contexto de sua produção, retirando da análise da sociedade presente nos poemas um reflexo da sociedade referente a tal contexto⁶.

Por isso, diante da variedade do que foi produzido pela historiografia acerca do problema, é importante ter em mente como os estudiosos se posicionaram. O estudo que se segue é um balanço destes posicionamentos.

Os poemas dizem respeito ao momento em que foram compostos

A primeira possibilidade seria inferir que os poemas dizem respeito ao período em que foram compostos⁷. Seria postulado que, mesmo os poemas mantendo elementos de tempos passados, absorvidos pela tradição, eles teriam mais a dizer dos períodos em que foram compostos. Contudo, não sabemos qual foi este período. Várias tentativas foram realizadas para estabelecê-lo, mas estamos longe de uma posição livre de críticas e de soluções alternativas. Usualmente o século VIII⁸ é sugerido como o período de composição⁹. Também existem datações para o século VII¹⁰ e até o século VI¹¹. Para Crielaard, existem evidências que permitem afirmar que os poemas homéricos são poesia do presente. O método adotado por ele não se concentra na busca por elementos do presente do poeta nos poemas, e sim na análise do presente da sociedade que produziu os poemas. Para Crielaard, utilizando evidências arqueológicas e históricas, é possível demonstrar que a sociedade de fora dos épicos é tão Homérica em caráter que permite falar em uma sociedade homérica histórica. Seu objetivo é mostrar que os épicos e a sociedade que os produziram são mundos paralelos. O contexto de produção, defende o autor, é por volta do ano 700¹² (CRIELAARD, 2002, p. 243).

Podemos concluir que esta hipótese de utilização dos poemas como fonte histórica para o período em que os poemas foram compostos só pode ser levada a sério caso o pesquisador aceite uma datação de composição como pressuposto, tal como Crielaard (2002). Contudo, não possuímos evidências inequívocas que suportem tal datação. Várias alternativas são apresentadas¹³. Também deve ser aceita uma concepção específica de composição, que seja definitiva e que já traga consigo uma fixação textual (oral ou escrita) em alguma escala. Teríamos que aceitar que após essa composição final, a transmissão se deu de maneira tal que os poemas que recebemos representem, sem maiores divergências, aqueles originalmente compostos. Caso contrário, a data

mais apropriada seria relativa à fixação final dos poemas, e não a sua composição, considerando a oralidade dos poemas.

Além disso, uma longa tradição de composições de tipos poéticos semelhantes, sugerimos, existiu em um período relativamente longo, que vai desde o século VIII, pelo menos, até o início do século VI. É verdade que a tradição mencionada é, ela mesma, um pressuposto. Temos, contudo, fortes indícios de que ela tenha existido neste período, em particular a partir do século VII¹⁴. Temos também fortes indícios de que os poemas que nos atingiram não tenham surgido do vácuo, e que faziam parte de um todo mais amplo¹⁵.

Todavia, a existência dessa tradição também é pressuposto para a argumentação de que os poemas são válidos como fonte histórica para o período em que foram compostos. Talvez seja útil eliminar esse pressuposto intermediário, que diz respeito à aceitação da datação precisa do período de composição. Abordaremos com mais detalhes tal posicionamento nos próximos tópicos.

Os poemas dizem respeito ao momento em que foram fixados

Composição e fixação (escrita ou oral) não necessariamente caminham lado a lado. Se for considerado que, durante o processo de transmissão de uma composição original, modificações são realizadas, estaríamos diante de algumas escolhas: ou aceitamos que os poemas são, na verdade, uma colcha de retalhos ou uma espécie de amálgama temporal, tanto no que se refere ao período que antecede sua composição, quanto no que se refere ao período que antecede sua fixação; ou aceitamos que o período do fim do processo de fixação dos poemas seja o mais apropriado para sua utilização como fontes históricas, pois os poemas teriam mais a dizer acerca deste período do que dos demais¹⁶.

No caso da segunda escolha, para propósito de argumentação, excluiríamos os problemas de variações de transmissão manuscrita desde o período Alexandrino. Tais problemas dizem respeito a processos e a uma tradição de transmissão de outra natureza. Teríamos que nos ater somente à transmissão oral de um texto com um grau desconhecido de estabilidade¹⁷, ou a uma transmissão escrita que ainda aceitava interpolações em número significativo, em um momento em que a tradição oral de transmissão estaria viva e teria influência sobre as modificações escritas.

Neste caso, seriam privilegiados os elementos mais recentes que possam ser datados e que foram absorvidos pelos poemas, sejam eles objetos de cultura material, aspectos linguísticos ou fatos e processos históricos descritos¹⁸.

Contudo, tais possibilidades apresentam as mesmas limitações da datação concernente à composição como critério para utilização dos poemas como fontes históricas. As diferentes datações propostas estão em profunda discordância entre si, tanto no que se refere à temporalidade, quanto no que se refere aos critérios de fixação¹⁹. Tampouco temos, neste caso, evidências que atestem, de maneira inequívoca, uma datação precisa. Também aqui, a utilização dos poemas como fonte histórica para o período em que foram fixados depende da aceitação deste período como pressuposto.

Semelhantemente ao que dissemos acerca da datação da composição dos poemas, essa posição também aceita, como outro pressuposto, a existência da tradição. Talvez seja útil, também aqui, eliminar este pressuposto intermediário e manter o que está na base.

Os poemas dizem respeito ao período que tentaram retratar

Esta proposta já não goza de ampla aceitação, muito em função do deciframento das tabuinhas em linear B²⁰. Verificou-se que as características desse mundo palaciano da era do bronze, com um controle estatal profundo nas mais variadas esferas da vida pública e privada, não eram as mesmas apresentadas nos poemas²¹. Todavia, essa hipótese se baseia na concepção de que o passado heroico descrito por Homero tenha como base, *grosso modo*, o auge do mundo micênico. Pode ser até mesmo baseado em eventos reais que giravam em torno de guerras de grupos Micênicos contra Troia²². Nilsson é seu defensor clássico²³, mas alguns autores mais recentes têm voltado a analisar tal possibilidade, mesmo depois da leitura e interpretação de textos micênicos.

Mais recentemente, desde, pelo menos, Page²⁴, tem-se pensado seriamente nesta possibilidade. Ela se baseia fortemente na concepção de que a origem da tradição heroica teria tanta relevância para o uso dos poemas como fonte histórica quanto o período final de composição, fixação ou transmissão. No caso de Page, vale deixar claro, no livro *History and the Homeric Iliad* o autor se concentra mais no período micênico do que em uma análise da sociedade homérica (PAGE, 1976). As muitas considerações que faz acerca dos poemas têm o intuito de buscar, como foi dito, elementos micênicos remanescentes que possam iluminar o estudo do período.

Em geral, mesmo os defensores mais ardorosos não argumentam que os poemas retratem somente elementos do passado micênico. Defendem, todavia, que a comparação dos poemas com a arqueologia, a cultura material e o que pode ser retirado de textos Micênicos, Hititas e Egípcios, permite que possam ser identificados elementos referentes ao período. Este alcance varia conforme o elemento estudado.

Primeiramente temos os elementos linguísticos. Vários autores defendem as sobrevivências linguísticas do passado micênico nos poemas, até mesmo críticos de que eles sejam úteis para estudar esse mundo, como Raaflaub (1998, p. 389), Saïd (2011, p. 80) e Mueller (2009, p. 2). Bowra menciona nomes usados nos poemas que também aparecem nos textos micênicos, como Aquiles e Heitor (BOWRA, 1970, p. 13).

As reminiscências materiais são um segundo elemento importante. Nagy aponta o elmo com longo rabo de cavalo de Heitor como sendo um elemento do século XV, sugerindo uma tradição particularmente longa (NAGY, 2011, p. 308-310). Para Shear, os elementos micênicos são mais presentes nos poemas homéricos do que usualmente admitidos. Além disso, afirma que pesquisas arqueológicas recentes indicam que elementos apresentados anteriormente como pós-micênicos foram encontrados em contextos micênicos²⁵. A autora aponta alguns aspectos como seguramente micênicos: escudos de corpo inteiro; decoração do escudo de Aquiles; objetos de metais com decoração em *inlay*; uso de carros de dois cavalos na guerra; a forma da couraça de bronze; espadas cravejadas de prata; elmo de presas de javali; barcos com um único leme e uma das extremidades em forma de bico; a forma da taça de Nestor; o vestido usado por Hera; ênfase em cintos; arquitetura dos palácios e fortificações. Outros elementos foram identificados independentemente por arqueólogos, como a única arma de ferro nos poemas, usada por Pândaro, que vem de uma região onde se encontram flechas de ferro desde o período. (SHEAR, 2000, p. 97)²⁶.

Em seguida, temos as características geopolíticas e topográficas²⁷. Desborough defende que os poemas revelam parte importante desse mundo: que cada região tinha um rei (embora não diga nada sobre a centralização burocrática dos palácios); viagens por terra, indicativas de sistemas de estrada; possibilidade de união dos reinos sob um rei supremo, algo em que acredita, mesmo que não tenhamos provas (DESBOROUGH, 1972, p. 16-18). Korfmann, baseado na análise do contexto anatólio nos séculos XIII e XII, defende que Troia tinha uma grande quantidade de aliados potenciais que não faziam parte nem da Grécia Micênica, nem do Império Hitita. Ele também defende que a lista de aliados oferecida por Homero é plausível e convincente até mesmo para o

período referido, e que em seu núcleo, a *Ilíada* pode refletir uma realidade histórica. Ele critica, portanto, a posição de que Homero, no século VIII, tivesse uma noção vaga e genérica da geografia do período anterior, defendendo mais precisão do poeta (KORFMANN, 1998, p. 382-383). Shear menciona: o *temenos* pertencendo ao rei; um soberano para cada região que obtém o poder por hereditariedade ou casamento; governo sobre áreas grandes com muitas cidades; geografia do catálogo das naus; falta de Aqueus na Jônia (SHEAR, 2000, p. 97). Luce apresenta alguns elementos a favor de que o catálogo das naus tenha sido formado e fixado²⁸ antes de 1150: os dóricos não são mencionados, nem lugares que viriam a se tornar importantes, como Mégara, Corinto, Esmirna e Éfeso. O catálogo apresenta sítios de ocupação contínua e outros que eram ocupações micênicas e que deixaram de ser habitados após o período (LUCE, 1975, p. 88).

Temos também defesas de que estruturas sociais micênicas foram preservadas. Este é o elemento menos identificado com os poemas. O que se considera, geralmente é que o mundo descrito nas narrativas não é o mesmo revelado pelas tabuinhas em linear B, que demonstram uma burocracia centralizada nos palácios, que controlavam todos os aspectos da produção e distribuição de seus territórios. Todavia, alguns autores tentam reconciliar estas duas realidades aparentemente irreconciliáveis. Shear defende que os nomes de posições de governo poderiam ser diferentes dos termos usados para comando militar, o que não tem sido considerado seriamente (SHEAR, 2000, p. 94). Luce propõe que os palácios existiam nos tempos micênicos, mas não depois. Quando Homero fala deles é uma clara reminiscência, um olhar cheio de nostalgia para outros dias. Apesar de Homero não demonstrar o sistema palaciano burocrático como o que aparece nas tábuas de linear B, o autor nota que o uso da escrita para prática diplomática é guardado nos poemas, com uma mensagem de um rei para outro em uma tábua, como evidenciado no episódio de Belerofonte²⁹. Tal uso da escrita não pode ter se originado de nenhuma outra prática proveniente desse período e do tempo que o autor considera ser o de Homero (século VIII). Para Luce, as tábuas micênicas dão uma visão limitada do que era seu mundo, a partir de um ponto de vista muito particular. Elas com certeza não apresentavam a totalidade do mundo micênico. O dia a dia não seria o que era retratado, mas sim o mundo relacionado a ele. Se o mundo homérico apresenta diferenças com relação ao mundo apresentado pelas tabuinhas, isso não quer dizer que seu testemunho deva ser deixado de lado. O mundo micênico era complexo, e escribas e bardos poderiam simplesmente refletir aspectos diferentes dele. Para Luce não há provas

melhores de que a sociedade homérica refletia o período de 1000 a 800 ao invés de 1300 a 1100 (LUCE, 1975, p. 73-77).

Nilsson (1932; 1970; 1971) defende que a religião Micênica é a origem da religião grega³⁰. Shear também aponta para o fato de que alguns deuses gregos foram mencionados em tábuas micênicas (SHEAR, 2000, p. 86)³¹.

Por fim, temos até mesmo a defesa por parte de alguns autores de que eventos teriam sido absorvidos nos poemas. Caskey, Kirk e Page (1964) defendem, por exemplo, a existência da guerra de Troia, bem como o faz Shear (2000), Bowra (1970, p. 12-16) e Luce (1975; 1998). Shear defende, adicionalmente, que o catálogo das naus na *Ilíada* é uma das evidências mais fortes para a antiguidade da tradição de transmissão dos poemas. Ele teria sido recebido pelo bardo da *Ilíada* que não o teria recomposto em grande grau. Ela defende que se fosse um reflexo de criação poética, talvez fizesse mais sentido que a quantidade de naus refletisse a importância dos heróis na trama. Como este não é necessariamente o caso, talvez seja fruto de um texto histórico, que expressa o tamanho do contingente de cada cidade preservado mais ou menos fielmente. Contudo, a autora aponta que uma descrição totalmente precisa não era o objetivo do poeta, os números das naus em si não importavam tanto, e sim uma precisão relativa, em que os poderes de cada rei em relação aos outros fossem balanceados de acordo com o que era esperado³². Outro exemplo de indício de historicidade do catálogo é o caso de Menesteu, filho de Peteos, como o comandante da Atenas. Uma figura mitológica mais famosa relacionada a Atenas seria a de Teseu, mas a manutenção de Menesteu como líder pode indicar o fato de se tratar de uma figura histórica, mantida no relato. Mesmo existindo mudanças, distorções, confluências, exageros, a falsificação deliberada de fatos era escrupulosamente evitada. Portanto, os bardos não mudariam conscientemente uma figura histórica transmitida pela tradição, Menesteu, por um personagem mitológico mais famoso, Teseus (SHEAR, 2000, p. 87-91)³³.

Esta abordagem não nega que os poemas possam absorver elementos de múltiplas temporalidades, mas defende que seu alcance atinja, de maneira relevante, um passado longínquo que atravessou períodos intermediários de intensas transformações. Defende, sobretudo, que a tradição da qual os poemas fazem parte tenha se iniciado em algum momento em que pelo menos a lembrança acerca de aspectos deste passado ainda estivesse viva³⁴.

É evidente que a posição de reconhecer nos poemas os vestígios do passado micênico também aceita a tradição como pressuposto, e o faz de maneira especial. Ao

reconhecer elementos de períodos posteriores àqueles em que estão interessados, reconhecem que a tradição ainda persistia nestes contextos, até sua fixação final. Em contrapartida, postulam que ela consegue atingir o período que pretendem investigar. Os estudiosos partidários dessa proposta defendem que a tradição tem algum grau de estabilidade, que pode ser datado desde o período micênico. Mais importante, para presente discussão, defendem que a tradição foi um fenômeno cultural com uma existência relevante e de longuíssima duração.

Os poemas dizem respeito ao passado recente, alcançado na tentativa de atingir um passado ainda mais distante

Uma posição que atrai alguns seguidores argumenta que o período mais presente nos poemas não é nem aquele de sua composição ou fixação, nem aquele que almejam atingir. Seria na verdade o período intermediário entre tais polos. Ao tentar descrever um passado heroico, os bardos conseguiam, ao invés, atingir seu passado imediato, ainda na memória. É dessa forma que alguns estudiosos³⁵ propõem que o mundo descrito nos poemas homéricos seja aquele da chamada Idade das Trevas. Este é o período entre dois mundos diferentes: o micênico, que, argumentam, os poemas atingiriam em nada ou muito pouco³⁶; o mundo do período em que foram compostos, identificado em geral como sendo entre os séculos VIII e VII³⁷.

Finley defende que o quadro coerente apresentado nos poemas é referente a uma sociedade e a um sistema de valor. Para ele, trata-se dos séculos X e IX. A maior parte de inúmeros aspectos do passado micênico havia sido esquecida. Portanto, ao tentar falar de tal passado, os poetas conseguiam atingir seu passado mais recente, ainda na memória (FINLEY, 1991)³⁸.

Outro autor que defende que a sociedade homérica correspondia a sociedades que existiram nesse período é Whitley (1991). Para ele, o interesse pela Idade das Trevas e sua sociedade acaba se misturando com a discussão sobre sociedade homérica.

As discussões acerca de contextos históricos dos poemas tendem a considerar que, caso seja possível separar o real do fictício e relacionar a sociedade homérica com o período obscuro, os poemas seriam então uma descrição adequada do período. Tal concepção, ainda segundo Whitley, assume que tanto a sociedade homérica quanto a sociedade do período obscuro seriam uniformes, não apresentando variações regionais nem locais na estrutura e organização social. Ela não encontra, contudo, respaldo na

evidência material. Para o arqueólogo, o período tem como característica essencial a variação regional no ponto de vista material, sendo um período de grande diversidade social. Whitley argumenta que não existe uma sociedade do período obscuro, se com isso for compreendido que todas as comunidades dele tenham a mesma estrutura e organização social. São várias sociedades que se desenvolveram paralelamente, com características diferentes. A coerência interna uniforme dos poemas não é verificada nas comunidades não uniformes do período (WHITLEY, 1991, p. 342).

Elementos dos poemas que podem ser relacionados à realidade material são raros e em geral com distribuição regional limitada. O autor reconhece, portanto, a unidade dos poemas, segundo parâmetros mais literários do que sociais. Ele reconhece também um amálgama poético, não tanto por ser oriundo de fragmentos de múltiplos períodos, mas sim de aspectos de sociedades diferentes, mas contemporâneas, dos séculos X e IX.

A variedade dessas instituições não implica uma unidade de sociedades do período obscuro. Implica uma fragmentação. Instituições como relação de hospedagem, amizade e casamento aristocrático fariam parte não de uma única sociedade, mas de um mesmo sistema ou uma mesma esfera de integração. Líderes na idade obscura teriam diferentes bases de poder e autoridade, mas teriam interesse em se relacionar com outros líderes, seja por trocas, seja por competição. Homero retrataria instituições relevantes aos líderes para agirem como se fossem parte de uma mesma aristocracia inter-regional, mesmo que oriundas de comunidades organizadas de maneiras variadas. A sociedade homérica, histórica nesse sentido, retrata um mundo aristocrático pan-Egeu, de trocas e competição (WHITLEY, 1991, p. 364-365). Whitley apresenta uma série de propostas inovadoras. Concordamos com ele no que diz respeito ao fato dos poemas homéricos retratarem uma série de comunidades diferentes. Acrescentamos, todavia, a distância temporal entre elas na narrativa apresentada pelos poemas.

Por ora, vale salientar que Whitley também parte da concepção de que os poemas foram compostos em um período que podemos datar, e eles dizem respeito a um passado imediatamente anterior a ele.

O maior problema com essa tendência de associar os poemas homéricos com o período da Idade das Trevas está justamente na falta de documentação que comprove ou ao menos sugira a sua probabilidade, pois se trata de um período no qual a escrita havia desaparecido. Por mais bem estruturadas e refinadas que sejam as argumentações, a comprovação é impossível. Os poemas homéricos funcionariam como um preenchedor

das muitas lacunas deixadas pela arqueologia e como uma oportunidade de aplicação de modelos sociológicos e antropológicos, sem que seja possível comprovação³⁹. A falta de outras fontes que funcionem como base de comparação faz com que a aplicação dos poemas como fontes históricas para tais períodos se torne circular: utilizam-se os poemas para estudar uma sociedade cujos únicos testemunhos escritos são os próprios poemas.

Essa proposição, todavia, encontra alguma aceitação entre parte dos especialistas. Whitley (1991), para seguir com o exemplo, busca na antropologia a figura do *Big Man* para explicar a organização social e econômica de alguns grupos da Idade das Trevas. Entre outros especialistas que defendem esta proposta, também se destaca Donlan (1999)⁴⁰. Ele afirma que o poema é válido para os estudos de sociedades tribais pré-estatais organizadas em *chiefdoms* nos séculos X e IX (DONLAN, 1999, p. 2-3), buscando inspiração na teoria neo-evolucionista. O período mais correto seria aquele por volta do ano 800, cerca de duas gerações antes do que considera o período da composição final da *Iliada*, no século VIII (DONLAN, 1999, p. iv)⁴¹.

Para Saïd, todavia, as descobertas arqueológicas levantam questionamentos sobre o que ela chama de uma ortodoxia de Finley, de relacionar o mundo homérico com o da Idade das Trevas, por mostrar uma variedade e complexidade social maior do que se conhecia. O período está se tornando menos obscuro, sendo relacionado cada vez mais com o período geométrico. Para a autora, os poemas se referem a sociedades mais recentes, seja o período final da Idade das Trevas entre os séculos IX e VIII, seja o período ao qual ela atribui o do próprio Homero⁴² (SAÏD, 2011, p. 81-82).

É característica de hipóteses como as apresentadas⁴³ a aceitação de outra série de pressupostos. Primeiramente a datação da composição, que já se relaciona com a fixação dos poemas, seja qual for o método. Em segundo lugar, o grau de estabilidade da tradição, que não é suficiente para atingir o mundo micênico, mas suficiente para absorver elementos do passado mais recente. Manter-se-ia, ainda assim, referente a um período anterior. Este passado mais recente teria, em função da estabilidade aceita, mais relevância para o uso dos poemas como fonte histórica do que o período da composição em si. O terceiro pressuposto também faz parte dos dois primeiros: a tradição épica foi um fenômeno cultural relevante, tendo um alcance temporal longo e capaz de absorver elementos referentes a realidades históricas.

Mistura temporal em função das características da tradição: patchwork (níveis datáveis e separáveis) X amálgama (mistura indistinta de temporalidades e fantasias diferentes)

As hipóteses descritas nos itens anteriores defendem que, mesmo que elementos de uma série de períodos diferentes possam estar presentes nos poemas, é possível selecionar aqueles referentes a um período do qual os poemas teriam mais a dizer, sendo mais relevantes como fonte histórica. Outros estudiosos⁴⁴, contudo, salientam mais o caráter misto das temporalidades apresentadas, que contêm também elementos fictícios. Alguns chegam a defender que, por causa dessa mistura, os poemas homéricos não teriam utilidade para o estudo de nenhum desses períodos⁴⁵.

O que caracteriza este embate de posições é a maneira como o encontro das várias temporalidades e da ficção se dá nos poemas. Esta mistura pode ser descrita a partir de duas imagens⁴⁶: a colcha de retalhos (*patchwork*), em que os vários níveis temporais e fictícios são separáveis e datáveis; o amálgama, em que a mistura de temporalidades e fantasia é indistinta, o que impede o estudo histórico do poema a partir desta perspectiva.

A primeira é tomada como pressuposto por quase todos os defensores das propostas de datação identificadas nos outros itens deste tópico, desde que aceitem que os poemas absorvam elementos de temporalidades diferentes. Alguns estudiosos acreditam até que os poemas sejam referentes a um só período, em sua integridade, mas em geral as propostas vão ao encontro da ideia da mistura temporal. Nelas as várias temporalidades não só são datáveis e separáveis⁴⁷, como é possível traçar uma escala de valores históricos: elementos de um determinado período teriam mais relevância para o estudo da história do que os elementos de outros períodos. Estes seriam somente ecos do passado, ou arcaísmos, para os que defendem uma datação mais recente. Ou seriam intrusões menores do presente, em um material predominantemente referente ao passado, seja qual for este passado selecionado pelo estudioso. Os elementos que não dizem respeito ao período estudado são, dessa forma, relegados a uma posição menos importante, tão intrusos ao poema quanto os elementos fantásticos, caso sejam os poemas analisados segundo o ponto de vista do historiador.

A posição contrária, que afirma que os poemas são um amálgama indistinto de elementos de períodos diferentes e elementos fictícios, toma como pressuposto que a separação dos elementos não é possível⁴⁸.

Neste embate, podemos concluir, ambos os lados partem de pressupostos fundamentalmente diferentes para abordar os poemas homéricos. Uns assumem que os níveis temporais, ainda que variados, são datáveis e separáveis, sendo os poemas úteis para a investigação acerca deles. Eles seriam particularmente úteis para o estudo de um destes períodos, supostamente mais intrusivo. Outros assumem que tais temporalidades não são nem separáveis, nem datáveis, de maneira que torne os poemas úteis para o estudo dos períodos relativos a qualquer um dos seguintes momentos: composição; fixação; origem; período intermediário entre origem e composição ou fixação.

Todavia, ambos os lados da contenda também tomam como pressupostos elementos que nos interessam: a existência de uma tradição como fenômeno cultural de longa (ou longuíssima) duração, que absorve elementos de períodos variados.

Composição por técnicas orais diante da realidade escrita dos poemas

Os poemas homéricos devem ser analisados diante de um paradoxo complexo. Que eles são oriundos de uma tradição oral, poucos autores estão dispostos a rejeitar⁴⁹. Isto pode ser dito mesmo que a relação com tal tradição seja considerada mais distante do que se tem argumentado desde que as pesquisas de Parry se tornaram amplamente influentes. Nossa ênfase dá grande importância à tradição de transmissão, e postulamos que ela existia antes da adoção da escrita pelos gregos. Dessa forma, a base dela é inevitavelmente oral. No presente momento, temos que nos questionar: de que maneira a realidade escrita dos poemas influencia na discussão sobre a datação dos poemas?

Tal questionamento tem mais relevância se considerarmos que a fixação escrita dos poemas tenha selado a fixação final, no interior da tradição⁵⁰. Se considerarmos que a fixação pode ter ocorrido de maneira oral em um momento anterior ao do uso da escrita, tal paradoxo tem menos relevância. Isto depende, é claro, do grau de estabilidade aceito para o tipo de transmissão oral particular da poesia hexamétrica grega.

Se a primeira possibilidade for aceita, portanto, devemos tomar como limite mais antigo para tal fixação a introdução do uso alfabético, atribuída geralmente a meados do século VIII. Como limite mais recente, devemos lidar com as evidências mais antigas da existência de textos escritos dos poemas homéricos⁵¹.

É importante ressaltar que, a despeito do uso ou não da escrita na fixação dos poemas, seja qual for o meio sugerido desse uso⁵², a tradição oral de transmissão continua como pressuposto. Se for possível delimitar o período dessa fixação, talvez tenhamos melhores condições de abordar historicamente os poemas, caso este momento seja mesmo mais intrusivo naquilo que é narrado.

Outro problema que deve ser considerado é se a fixação escrita conseguiu capturar a essência da poesia oralmente composta, tal como questiona Jensen (2008, p. 43). Para Honko, a questão da textualização continua complicada: as tradições vivas dependem das *performances*, que são experiências multidimensionais, comunicativas e emotivas, não capturadas no simples texto verbal, tradicionalmente analisado como gênero literário. O resultado da publicação de um texto épico é, para Honko, de fato mais literário do que a *performance* oral original. É um meio termo entre os extremos, na melhor das hipóteses. Outro problema é confundir um épico com toda a tradição épica de uma comunidade, ao invés de um item dessa tradição. Um épico longo em geral representa o fim de um desenvolvimento, ao invés de seu princípio (HONKO, 1998, p. 9).

Por ora, teremos que nos contentar com o fato de que a realidade escrita dos poemas homéricos e sua relação com uma tradição oral de composição poética que a precede, também pressupõem a existência desta tradição de transmissão de épicos orais em hexâmetros como fenômeno cultural relevante em um período anterior ao da fixação escrita dos poemas. Tal constatação independe de qual seja a abordagem adotada pelo analista, pois a tradição é um pressuposto de todas elas.

Restrições materiais para a escrita dos poemas em sua extensão total

Se considerarmos que a escrita teve alguma relevância na composição ou fixação dos poemas homéricos, temos que levar em consideração quando tal possibilidade foi viável. O fato de a escrita ser atestada epigraficamente desde meados do século VIII significa que já existia a possibilidade de utilizá-la para fixar a totalidade de poemas com uma extensão impressionante, como a *Ilíada* e a *Odisseia*?

Novamente não temos evidências o suficiente que comprovem nem que sim, nem que não. Só podemos especular a este respeito. Temos, de um lado, a posição positiva. Nela, os estudiosos apresentam as possibilidades de materiais que poderiam ser utilizados⁵³.

Temos, do outro lado, a posição contrária, baseada na inferência negativa das possibilidades materiais específicas do período⁵⁴. Em todo caso, ainda estamos diante da situação de que a escrita seria apenas uma possibilidade de fixação dos poemas homéricos. Eles seriam, contudo, ligados de alguma forma a uma tradição que os antecede.

Datação dos poemas a partir da manutenção de sua relevância tradicional como fenômeno oral, ao invés do momento da fixação da composição

A particularidade da tradição que estamos discutindo existe em função da seguinte característica: a maneira como a oralidade opera como elemento ainda relevante, como um componente da poesia homérica. Isso porque, a despeito da posição defendida, mesmo que sejam montadas a partir da noção do uso da escrita na composição dos poemas, todas as hipóteses apresentadas aceitam que a tradição antecede os poemas. Eles são partes de um processo de transmissão originalmente oral. A *Ilíada* e a *Odisseia* apresentam elementos que são ligados diretamente a tal tradição de transmissão, mesmo que oriundas de um processo de composição que seja, pelo possível uso da escrita, diferente dela. Mesmo com esta diferença, não se trata de uma transmissão escrita de um texto estabelecido, como será a norma em um momento posterior.

A valorização da oralidade é um marco útil para diferenciar as duas formas de tradição de transmissão (escrita e oral). Também é útil para datar o momento mais relevante para a utilização dos poemas como fonte histórica. Teríamos neste contexto o possível marco final do alcance da tradição de transmissão oral.

Tradição referente a um momento ou a uma duração mais longa? O problema da estabilidade da tradição

A esta altura, nos parece claro que a abordagem dos poemas como relevantes historicamente por serem exemplares da tradição, nos é mais útil do que sua abordagem como reflexos de momentos específicos de um período que não pode ser seguramente datado. É verdade que o alcance desses exemplares em relação ao passado depende do grau de estabilidade que estamos dispostos a aceitar.

No que diz respeito ao alcance mais recente, o fato de os poemas terem sido privilegiados em determinado momento como representantes *mor* da tradição da qual fazem parte nos sugere que as visões transportadas neles tenham sido consideradas relevantes enquanto a tradição de transmissão oral por nós estudada também era considerada culturalmente relevante. Dessa forma, talvez seja mais útil atribuir a relevância histórica dos poemas homéricos a todo o período em que é possível atestar ou postular com alguma segurança a existência da tradição oral épica da qual fazem parte. O esforço deveria ser direcionado para a datação desta tradição, utilizando os poemas homéricos como representantes válidos dela.

Referências bibliográficas

- BOWRA, C. M. Problems concerned with Homer and the Epics. In: THOMAS, C. G. *Homer's History, Mycenaean or Dark Age?* New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970
- BURKERT, W. The making of Homer in the sixth Century B. C.: Rhapsodes versus Stesichorus. In: *Papers on the Amasis Painter and His World*. Malibu: Paul Getty Museum, 1987, p. 43-62.
- CHADWICK, J. *The decipherment of linear B*. Cambridge: CUP, 1995.
- CRIELAARD, Jan Paul. *Homeric questions: essays in philology, ancient history, and archaeology, including the papers of a conference organized by the Netherlands Institute at Athens (15 May 1993)* 1995.
- DESBOROUGH, V. R. *The greek dark ages*. 1972
- DONLAN, Walter. Reciprocities in Homer. *The Classical World*, v. 75, n. 3, 1982, p. 137-175.
- _____. *The aristocratic ideal and selected papers*. Wauconda: Bolchazy-Carducci, 1999.
- FINLEY, M. I. Homer and Mycenae: Property and Tenure. *Historia: Zeitschrift für alte Geschichte*, v. 6, n. 2, 1957, p. 133-159.
- _____. *The World of Odysseus*. Londres: Penguin. 1991.
- _____; CASKEY, J. L.; KIRK, G. S.; PAGE, D. L. The Trojan War. *Journal of Hellenic Studies*, v. 84, p. 1-20, 1964.
- GRAZIOSI, B.; HAUBOLD, J. *Homer: the resonance of epic*. London: Duckworth, 2005
- HERÓDOTO. *Histórias*. Tradução para o inglês de A. D. Godley. London: William Heinemann, 1920. 4 v.
- HÖLKESKAMP, K. J. Ptolis and Agore. Homer and the Archaeology of the City-State. In: MONTANARI, F. (ed.). *Omero tremila anni dopo*. Roma, 2002.
- HOMERO. *Ilíada*. Edição de West, M. L. Stuttgart & Leipzig: Bibliotheca Teubneriana, 1998. 2 vol.
- HONKO, I. Introduction: Oral and Semiliterary Epics. In: HONKO, I.; HANDOO, J.; FOLEY, J. M. (eds.). *The Epic – Oral and Written*, Mysore, 1998.
- JANKO, R. *Homer, Hesiod, and the Hymns: diachronic developments in epic diction*. Cambridge, 1982.

- JENSEN, M. S. *The Homeric question and the oral formulaic theory*. 1980.
- _____. The Oral-Formulaic Theory Revised. In: MUNDAL, Else ; WELLENDORF, Jonas. *Oral art forms and their passage into writing*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, University of Copenhagen, 2008.
- KORFMANN, M. Troia: an Ancient Anatolian Palatial and Trading Center. In: BOEDECKER, D. *The world of Troy*. Classical World Special Issue, 1998.
- KULLMANN, W. Neoanalysis between orality and literacy: some remarks concerning the development of greek myths including the legend of the capture of Troy. In: MONTANARI, F. RENGAKOS, A. TSAGALIS, C. C. (eds.) *Homeric contexts: neo analysis and the interpretation of oral poetry*. Berlin: De Gruyter, 2011.
- LORD, Albert Bates. *The singer of tales*. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 1960.
- LUCE, J. V., *Homer and the Heroic Age*. London: Thames and Hudson, 1975.
- _____. *Celebrating Homer's landscape: Troy and Ithaca revised*. 1998.
- MARK, S. *Homeric Seafaring*. Texas University Press, 2005.
- MARTIN, R. P. Wrapping Homer Up: Cohesion, Discourse and Deviation in the Iliad. In: SHARROCK, A.; MORALES, H. *Intratextuality*. Oxford: OUP, 2000.
- MORRIS, Ian. The use and abuse of Homer. *Classical Quarterly*, vol. 5, 1986, p. 94-115.
- MUELLER, M. *The Iliad*. London: Bristol Classic Press, 2009.
- MUNDAL, Else; WELLENDORF, Jonas. *Oral art forms and their passage into writing*. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, University of Copenhagen, 2008.
- MURE, W. *A critical History of the Language and Literature of Ancient Greece*. Vol 1-3. London: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1850.
- NAGY, G. *Homeric Questions*. Austin: University of Texas Press, 1996.
- _____. *Homer the preclassic*. Berkeley: University of California Press, 2011.
- NILSSON, M. The Roots of the Greek Religion Mycenaean. In: THOMAS, C. G. *Homer's History, Mycenaean or Dark Age?* New York: Holt, Rinehart and Winston. 1970.
- _____. *The Minoan-Mycenaean Religion and its survival in Greek Religion*. 1971
- _____. *Homer and Mycenae*. New York: Cooper Square Publishers, Inc., 1993.
- PAGE, D. L. *The Homeric Odyssey*. 1955
- _____. *Folktales in homer's odyssey*. Cambridge Harvard University, 1973.
- _____. *History and the Homeric Iliad*. Berkley: University of California Press, 1976.
- POWEL, B. *Homer and the origin of Greek alphabet*. 1996.
- RAAFLAUB, K. A. Homer, the Trojan War, and History. In: BOEDECKER, D. *The world of Troy*. Classical World Special Issue, 1998.
- RUTHERFORD, R. B. *Homer*. Oxford: OUP, 1996.
- SAÏD, S. *Homer and the Odyssey*. Oxford: OUP, 2011.
- SEAFORD, R. *Reciprocity and Ritual: Homer and the tragedy of the developing City-state*. Oxford, 1994.
- SHEAR, I. M. *Tales of heroes: the origins of Homeric texts*, 2000.
- SNODGRASS, A. M. An historical Homeric society? *Journal of Hellenic Studies*, vol. 94, 1974, p.114-125.
- _____. *Homero e os Artistas: texto e pintura na arte grega antiga*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.
- TAPLIN, O. *Homeric soundings: the shaping of the Iliad*. Oxford: Clarendon Press, 1992.
- THOMAS, C. G. *Homer's History, Mycenaean or Dark Age?* New York: Holt, Rinehart and Winston. 1970.

- TRABULSI, José Antonio Dabdab. *Ensaio Sobre a Mobilização Política na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução para o inglês de C. F. Smith. London: William Heinemann, 1956. 4 vol.
- VENTRIS, M.; CHADWICK, J. *Documents in Mycenaean Greek*. 1956.
- WEES, H. V. *Status Warrior: War, Violence and society in Homer and History*. Gieben, 1992.
- WEST, M. L. The date of the Iliad. *Museum Helveticum*, vol. 52, 1995, p. 203-219.
- _____. *The making of the Iliad*. Oxford: OUP, 2011.
- WHITLEY, James. Social Diversity in Dark Age Greece. *The Annual of the British School at Athens*, Vol. 86, 1991, pp. 341-365.
- ZANON, C. A. *A Ilíada de Homero e a Arqueologia*. Dissertação PPG-MAE, SP, 2008.

Notas

¹ Tanto Heródoto como Tucídides apresentam elementos relacionados aos relatos Homéricos como sendo verdadeiros. Heródoto, por exemplo, faz referência ao rapto de Helena por Alexandre e a guerra que se sucedeu (a guerra de Troia), como uma das razões dadas pelos Persas para a inimizade entre Gregos e os povos asiáticos (Hdt. I, 3-5). Tucídides usa o relato homérico como evidência para o fato de que o poeta sabia que nos tempos da guerra de Troia não se utilizava o termo *Helenos* como coletivo para os povos da Hélade (Tuc. I. 3. 3-4). O historiador discute mais a guerra de Troia em outros momentos (Tuc. I. 9-11).

² Para Graziosi e Haubold, os leitores modernos não compartilham da visão de mundo dos gregos, por isso são incapazes de perceber os poemas homéricos como uma fonte segura de história do mundo. Os estudiosos modernos reconhecem que alguns aspectos do mundo homérico refletem algum tipo de realidade histórica, mas são cautelosos porque embelezamentos literários distorcem o quadro geral (GRAZIOSI; HAUBOLD, 2005, p. 43-44).

³ Thomas afirma que o nome é inapropriado. O problema, na verdade, se desdobra em pelo menos quatro questões: Primeiramente, especula-se se existiu um poeta chamado Homero. Em segundo lugar existe a dúvida se a Ilíada e a Odisseia são frutos do trabalho de um mesmo autor. A natureza da língua épica marca o terceiro questionamento. A quarta questão diz respeito à base histórica dos dois poemas. (THOMAS, 1970, p. 1).

⁴ Algumas descobertas revolucionaram enormemente nossa compreensão de aspectos relacionados aos estudos homéricos: a descoberta de Troia e de construções do mundo micênico por Schliemann; as teorias de oralidade e formularidade propostas por Parry (1930; 1932; 1971); a difusão do trabalho comparativo com tradições orais vivas; o deciframento do linear B por Ventris e Chadwick (CHADWICK, 1995).

⁵ Nem sempre os pesquisadores deixam evidenciados quais são os pressupostos que trabalham. Para Luce, escrever sobre Homero requer partir de alguns pressupostos que devem ser evidenciados para que se possa compreender exatamente o que se quer dizer quando se aborda algo sobre as posições de Homero ou dos poemas (LUCE, 1975, p. 10-11).

⁶ Graziosi e Haubold apontam que tal tendência também aparece nas discussões acerca de Homero e suas obras segundo outras perspectivas: os estudiosos leem os poemas tentando achar algo sobre seu autor, então usam suas conclusões acerca da autoria para interpretar os poemas (GRAZIOSI; HAUBOLD, 2005, p. 22).

⁷ “[...] uma fonte, qualquer que seja, deve ser inicialmente recolocada no seu contexto de produção.” (TRABULSI, 2001 p. 22).

⁸ A partir deste passo todas as datas citadas dizem respeito a períodos anteriores à era cristã, salvo indicações do contrário.

⁹ Entre os defensores desta datação podemos citar Crielaard (2002), Hölkeskamp (2002), Janko (1982), Lord (1960), Mark (2005), Morris (1986), Raaflaub (1998), Rutherford, (1996), Trabulsi (2001), Wees (1992). Luce aceita a datação de Janko, mas defende que os poemas teriam a dizer sobre o passado micênico (LUCE, 1998, p. 12), bem como Bowra (1970, p. 12). Semelhantemente, Desborough defende que os poemas dizem respeito ao mundo micênico, mas começaram a ser coletados no século VIII (DESBOROUGH, 1972, p. 321).

¹⁰ Ver West (1995; 2011) e Taplin (1992), que sugere uma datação posterior a 700 e antes de 650. Para este último, existe uma série de novidades do século VIII que só poderiam ter sido incorporadas ao poema

após 700, como o teto de santuários, riqueza de Delfos, escudo com tema de Górgona, referência à riqueza da Tebas egípcia (TAPLIN, 1992, p. 33-35).

¹¹ Ver Jensen (1980) e Nagy, (1996; 2011). Shear também defende esta datação, mas como Luce, acredita que os poemas atinjam o passado micênico (SHEAR, 2000). Seaford vê nos poemas elementos constitutivos da *polis* emergente, mas que são poucos e raros, diante de um longo processo de desenvolvimento, sob a influência de vários e contraditórios interesses (SEAFORD, 1994, p. 1-10). Para o autor, o fim deste processo seria o século VI, com a estabilização do texto em Atenas (SEAFORD, 1994, p. 148-150).

¹² Crielaard defende que, ao invés de os poemas exercerem uma influência tal na sociedade que os imita, a sociedade exercia uma influência nos poemas, que a refletia (CRIELAARD, 2002, p. 244-245). Todavia, o autor aponta que a questão de que se o poema mostra o passado ou o presente está na verdade mal formulada. Para ele, não existe um corte claro e demonstrável, e nem todos os elementos ligados ao passado estavam ausentes no presente (objetos guardados como relíquias, etc.). Para ele esta situação se explica por haver nos épicos homéricos uma concepção cíclica do tempo. Crielaard sugere que diferente da nossa concepção linear, em que o passado, presente e futuro fazem parte de uma mesma sequência de eventos, os gregos antigos compreendiam o tempo como um contexto de ciclos temporais repetitivos, como dia-noite, nascimento-morte, verão-inverno, etc. (CRIELAARD, 2002, p. 266-268).

¹³ O critério linguístico usado por alguns autores para datação relativa de poemas é aceito por alguns estudiosos, em especial a partir das proposições de Janko (1982). Todavia, Graziosi e Haubold apontam que, a despeito das diferenças de discurso entre poemas épicos em hexâmetro, as similaridades de língua, técnicas de composição e conteúdo dão mais indícios de uma conexão próxima do que dá evidência para os distinguir em termos de datas de composição, em especial para a relação entre Homero e Hesíodo. As fontes antigas mais arcaicas não costumam tentar demonstrar qual entre eles era mais antigo, e sim os apresentava como contemporâneos rivais (GRAZIOSI; HAUBOLD, 2005, p. 29).

¹⁴ Snodgrass (2004) faz um levantamento de imagens relacionadas ao mesmo conteúdo mítico que o dos épicos. Mesmo se tratando de uma tradição própria e independente, a existência de personagens na arte figurativa que também aparecem nos épicos indica a possibilidade da existência da tradição que nos interessa.

¹⁵ Como defendem autores com abordagens tão distintas como Rutherford (1996, p. 5), Graziosi e Haubold (2005).

¹⁶ Seja porque a estabilização é um processo, como defende Nagy (1996), seja porque após uma composição monumental o texto original foi, de alguma forma, modificado de maneira relevante.

¹⁷ Seja pelo processo estabelecido por Nagy (1996), ou na transmissão da composição monumental memorizada sugerida por Kirk (1962) e Taplin (1992).

¹⁸ Saïd cita a expansão das rotas marítimas e a expansão do comércio por essas vias, o contato com estrangeiros, possíveis referências à escrita, combate hoplítico e instituições da *polis*, a colonização e referências ao conhecimento de jogos e santuários Pan-helênicos (SAÏD, 2011, p. 82-85). Aceitando os mesmos elementos que Saïd, Crielaard cita também a expansão da atividade religiosa, urbanização, culto heroico e de tumbas, como fenômenos que podem ser identificados na *Ilíada* e na *Odisseia*, sendo na verdade traços proeminentes dos poemas (CRIELAARD, 2002, p. 240). Para Shear, referências a táticas hoplíticas e uso de carruagem de quatro cavalos são vagos e indicações questionáveis de datação, bem como o broche de Odisseu, cabeças de górgona e lâmpadas, que não indicam necessariamente um período (SHEAR, 2000, p. 97).

¹⁹ Martin afirma que a crença em uma fixação muito antiga de uma *performance* oral é marcada por uma constelação de hipóteses falsas: essa *performance* antiga teria sido imune a variações significativas; possibilidade de datação precisa de textos orais-formulares; ampla difusão do letramento em um momento muito antigo; figura de um compositor mestre ou editor (MARTIN, 2000, p. 46-47).

²⁰ Ver Chadwick (1995).

²¹ Para Crielaard, as diferenças entre o mundo do poeta e o micênico são mais pronunciadas do que as semelhanças das narrativas com o contexto mais recuado, que citaremos a seguir. Ele sugere o mundo do poeta (que ele localiza entre os séculos VIII e VII) como uma comparação mais viável (CRIELAARD, 2002, p. 240). Kullmann também rejeita que os poemas tenham algum núcleo micênico. Para ele havia uma tradição oral que vai até o início da colonização grega, mas não antes (KULLMANN, 2011, p. 19-20).

²² Essa corrente pode ser observada no artigo em que Finley apresenta argumentos contrários a ela e Caskey, Kirk e Page a defendem (1964). Luce também defende a historicidade da guerra de Troia, e defende que já naquele momento as canções heroicas acerca desse evento começaram a ser compostas. Ele considera Homero como um herdeiro de uma tradição oral substancial e válida transmitida por gerações de bardos orais, que eram os guardiões geralmente fiéis da memória popular em uma época de

iletralidade (LUCE, 1998, p. 4). Já Raaflaub é mais crítico. Ele reconhece a possibilidade de que tenha existido uma guerra entre Aqueus e Troianos, que tenha inclusive causado a destruição da cidade na Anatólia, mas não temos nenhuma confirmação, nem evidência de causas, detalhes e datas exatas. Alguns autores sugerem que a tradição grega tenha misturado vários conflitos entre gregos e troianos em uma mesma narrativa, ou mesmo várias experiências micênicas pelo mediterrâneo. Mas ele também considera possível que, a despeito desta tradição, experiências da idade do Bronze e a Ilíada sejam quase que completamente não relacionadas (RAFFLAUB, 1998, p. 393).

²³ Ver Nilsson (1971; 1972; 1993).

²⁴ Ver Page (1955; 1973; 1976). Podemos citar Desborough (1972, p. 16-18), Luce (1975; 1998) e Shear (2000) como defensores ainda mais recentes. Para Luce, a credibilidade da tradição homérica com relação ao mundo micênico tem aumentado, ao invés de diminuído, com os avanços arqueológicos dos 40 anos anteriores à publicação de seu livro (LUCE, 1975, p. 172).

²⁵ Cremação, templos com estátuas de culto, consumo de peixe, uso de duas lanças, comércio com a fenícia, etc.

²⁶ Ver também Bowra (1970, p. 14), Luce (1975; 1998) e Mueller (2009, p. 2). Wees apresenta a proposta de que variações de descrição material, como armas e escudos podem se dever a fantasia, ainda que sejam por vezes plausíveis. Mesmo sendo fantasia, o poeta tinha uma ideia clara e consistente de como esses objetos eram. Ele defende a possibilidade de invenção pura, ao invés de adaptação de trechos que sobreviveram do período micênico e foram aumentados para atingir expectativas do que era esperado de uma raça heroica. As discrepâncias na análise dos materiais descritos não necessariamente são fruto de costura de materiais tradicionais de períodos diferentes, mas uma mistura de elementos reais com fantasia criada para fazer os poemas terem personagens sobre-humanos (WEES, 1992, p. 19-21).

²⁷ Para defesas da precisão da descrição topográfica em Homero ver Luce (1975; 1998) e Bowra (1970, p. 16). Luce defende que as descrições de Homero sejam particularmente precisas para características topográficas da Tróade e de Ítaca, afirmando que o poeta tenha conhecido tais localidades pessoalmente. Ele também propõe um conhecimento preciso do poeta de rotas marítimas em utilização no período do poeta (século VIII) (LUCE, 1975; 1998).

²⁸ Diferentemente do restante da poesia homérica, que continuava sendo recomposta em *performance* (LUCE, 1975, p. 88).

²⁹ Ilíada, VI, 168-170.

³⁰ Ver também Bowra, que cita elementos religiosos sobreviventes (BOWRA, 1970, p. 13-14).

³¹ Ver em Ventris e Chadwick: 125-129; 175-208, nos. 169-172, PY Es646, Un02, KN Fpl, Fpl13-14, F953, Gg702, Gg704-705, V280, V52 (VENTRIS; CHADWICK, 1956).

³² Agamêmnon e Nestor são mostrados como tendo os contingentes mais importantes, por exemplo.

³³ Adicionalmente, Shear menciona outros elementos que foram identificados independentemente por arqueólogos: a queda de Tebas antes da queda de Troia; os santuários de Delos, Delfos e Dodona em uso já no período micênico; a cidade de Troia mais rica no passado do que no presente do poema (SHEAR, 2000, p. 97).

³⁴ Bowra sugere que, após o colapso micênico, alguns sobreviventes fugiram para Jônia, levando com eles canções de sua terra natal e memórias de seus feitos. Esta idade heroica é o objeto das canções de Homero (BOWRA, 1970, p. 14). Shear defende que são tantos os elementos do período da guerra de Troia que os contos teriam começado a circular durante a era em que a guerra em si teria sido lutada. Essa tradição traria elementos, contudo, que seriam tanto mais antigos quanto mais recentes, juntamente com os contemporâneos. Isso implica, para a autora, que, independentemente de quantos estágios de transmissão tenham existido, é inescapável a conclusão de que durante o período obscuro a transmissão dos elementos micênicos se deu de maneira oral (SHEAR, 2000, p. 97-98). Para Luce, os grandes feitos do período do ápice do poder Micênico (entre os séculos XIII e XII) passaram a ser cantados, e as canções dos heróis que participaram dos feitos nas duas guerras (Tebas e Troia) foram incorporadas por uma tradição oral. Esses feitos dizem respeito ao fim de uma era, e não foram ultrapassados por outros feitos posteriores. Os últimos micênicos teriam valorizado essa memória enquanto sua prosperidade e seu mundo se desintegravam. O autor defende que é comum a um povo, diante de seu declínio, a valorização do passado grandioso. Também é comum de um povo em migração que deseja manter seus vínculos com o passado. Essas conjecturas somadas explicariam a força e persistência da tradição heroica grega. A arte da épica oral sobreviveu à dissolução do mundo Micênico, o conhecimento do passado foi transmitido por uma sucessão de cantores para reconfortar e inspirar os sobreviventes despossuídos. Fórmulas e listas serviam como veículos para a história, e velhos costumes acabaram atrelados nas descrições e passaram a fazer parte da narrativa. O espírito do passado foi mantido na combinação de temas de canção. Contudo, novos elementos também foram sendo associados, em uma tradição que se ajustou a novas realidades e

passou a abarcar novos costumes. A tradição passa a ter camadas sobre camadas, mas o passado remoto não é necessariamente descartado (LUCE, 1975, p. 46-47).

³⁵ Entre eles Finley (1991) e Donlan (1982; 1999).

³⁶ Finley propõe em seu livro *The World of Odysseus* (1991) que, mesmo existindo um núcleo micênico nos poemas homéricos, ele era pequeno e muito distorcido.

³⁷ Finley (1991) tampouco considera que os poemas dizem respeito ao mundo dos séculos VIII e VII, datas prováveis para a composição, segundo o autor. Deste mundo mais recente, a narrativa não trata, pois seriam, segundo ele, inúmeras as instituições e aspectos tecnológicos que não tomam parte dos poemas.

³⁸ Finley também utiliza as diferenças entre sistemas de organização de propriedade para evidenciar uma descontinuidade entre o que o mundo das tábuas micênicas sugerem e o que os poemas homéricos apresentam (FINLEY, 1957, p. 133-159).

³⁹ Para van Wees, negar aos poemas o valor de fontes válidas é desestabilizar as estruturas das reconstruções modernas da sociedade de período obscuro. Além disso, desestabiliza a ideia de que o período arcaico teria visto mudanças na organização social (como o desenvolvimento da *polis*) e na forma de guerrear (revolução hoplítica, guerreiro cidadão) relatadas em outras fontes, mas, segundo o autor, ausentes em Homero (WEES, 1992, p. 2).

⁴⁰ Para Donlan, seguindo Finley, se o sistema social homérico pode ser demonstrado como coerente no interior dos textos, pode-se supor que esta consistência reflita um sistema real que existe independentemente do poeta e sua imaginação. Ele trata os épicos como casos etnográficos que correspondem a modelos teóricos ou lógicos de sociedades simples em evolução (DONLAN, 1982, p. 137-138).

⁴¹ Para uma defesa mais completa dessa posição ver Donlan (1999, p. 321-325).

⁴² Tais perspectivas refletem o progresso na arqueologia e a melhor compreensão da maneira como a oralidade funciona. Tradições orais não pretendem, para Saïd, reconstruir o passado como ele foi, mas o recriar com base no presente, adaptando as demandas dos ouvintes através de um processo de reimaginação constante. Para ela, uma leitura mais cuidadosa dos poemas combinada com uma concepção mais flexível da cidade Grega e as instituições que a caracterizam, possibilitam ver uma série de elementos que ligam o mundo de Odisseu ao mundo do século VIII, particularmente as rotas marítimas e a expansão do comércio por essas vias e o contato com estrangeiros (SAÏD, 2011, p. 81-82).

⁴³ De Finley (1991), Whitley (1991) e Donlan (1999).

⁴⁴ Entre eles Rutherford (1996, p. 3), Zanon (2010, p. 98-158) e Wees (1992). Donlan defende que a consistência interna dos poemas é indício de realidade. Mesmo que seja ficção, a sociedade homérica é real por seu padrão interno coerente. Mas para o autor é mais provável que seja uma estrutura social que tenha existido, ao invés de uma invenção ou amálgama de instituições dentro de um período de mais de 4 séculos (DONLAN, 1982, p. 172).

⁴⁵ Ver Snodgrass (1974).

⁴⁶ Seguimos aqui a proposta de Wees (1992, p. 15-17).

⁴⁷ Luce defende esta possibilidade, de que se os poemas são formados por elementos de temporalidades distintas, é possível separá-los (LUCE, 1975, p. 9). Este autor, todavia, também utiliza a imagem do amálgama, mesmo defendendo que não seja uma mistura indistinta e inseparável de temporalidades (LUCE, 1975, 58-63).

⁴⁸ Ver Snodgrass (1974). Saïd afirma que a tradição oral tem de fato esse efeito, tendo alguns aspectos maior suscetibilidade a alteração do que outros, criando uma mistura de diversas temporalidades (SAÏD, 2011, p. 87).

⁴⁹ Mundal e Wallendorf apontam que formas de arte orais do passado só podem ser estudadas hoje pelos seus registros escritos. Contudo, é difícil saber quão representativa a forma escrita de um texto é de suas formas orais anteriores (MUNDAL; WALLENDORF, 2008, p. 1). Jensen também descreve o problema, salientando estar este paradoxo na base da teoria oral: a tradição homérica é conhecida apenas em forma escrita (JENSEN, 2008, p. 43).

⁵⁰ Excluimos aqui os problemas específicos de variantes em uma tradição manuscrita de transmissão dos poemas.

⁵¹ Vale citar Mueller, que admite que mesmo que os poemas estejam fortemente enraizados em uma tradição oral, passaram a maior parte de sua existência como textos canônicos em culturas dependentes da escrita. Contudo, não sabemos se a escrita somente preservou os poemas ou se ela teve algum papel em sua composição. Para o autor, o processo de estabilização do texto Homérico já é identificado, particularmente, após o século II. Todavia, pelas citações de Platão, por exemplo, que variam na maneira como são fraseadas, a ordem dos versos é a mesma. Isso indica que os poemas do quinto e quarto séculos eram mais ou menos os que temos hoje, apesar de variações serem detectadas e existirem em maior número. Para ele, no século V textos escritos já podem ser identificados (MUELLER, 2009, p. 5-6).

⁵² Composição oral com uso da escrita, textos orais ditados, etc.

⁵³ Powell é o defensor mais influente de uma escrita mais recuada dos poemas, atrelando a invenção da escrita à fixação da poesia homérica (POWELL, 1996). Para Rutherford, as dificuldades seriam grandes, mas não seria uma impossibilidade (RUTHERFORD, 1996, p. 15). Burkert defende a possibilidade de os poemas terem sido escritos em couro já na primeira metade do século VII (BURKERT, 1987, p. 44). Jensen mostra que só existe evidência de uso de letras cursivas a partir de 575 e que o papiro, único material em que a autora considera seriamente ser possível gravar os épicos no período, só é atestado como disponível também em meados do século VI, talvez um século antes. Tais considerações colocam uma data mais antiga possível para a escrita dos poemas, em cerca de 650 a. C., o que não significa que tenham sido escritos então (JENSEN, 1980, p. 97-98).

⁵⁴ Defendida por Seaford (1994, p. 145), entre outros.

Artigo recebido em 10/01/2013. Aprovado em 08/02/2013.